

DOLOR BARREIRA

Vou ler as últimas páginas do romance “Aves de Arribação”, de Antônio Sales, e duas poesias suas, “Consoladora” e “Solitude”. Essas páginas darão apreciável idéia das suas notáveis qualidades de prosador fácil, espontâneo, correntio, amestrado na dificultosa arte de bem dizer, e as duas mencionadas poesias falarão, esplêndida e eloquentemente, da sua sensibilidade artística, da sua emoção, do seu lirismo . . .

CONSOLADORA

Na densa escuridão em que meu ser mergulha,
ao sondar o mistério insondável da vida,
eu, apenas, vislumbro a divina fagulha
do teu olhar, querida!

Quando a tristeza vem, com blandícias daninhas,
atapetar de crepe a minha rude estrada,
dela só me liberto, apertando nas minhas
as tuas mãos, amada!

E se a maldade humana o coração me fere,
enchendo-o de amargor que punge e desencanta,
eu a desdenho, ouvindo o treno que desfere
o teu sorriso, santa!

Males do corpo e da alma, angústias, dissabores,
com que o destino cego e surdo nos castiga,
são espinhos que o amor faz rebentar em flores,
quando te beijo, amiga!

SOLITUDE

Lábios cerrados, olhos cismadores,
Longe das ruas uma deusa vive,
Em cuja doce companhia estive
Uns breves dias, sem cuidado e dores.
Mora num templo vegetal, cercado
De paz, de sons, de bençãos, de perfume,
Não há tristeza, como se presume,
No seu reino encantado.
Se o almo silêncio põe a mão na boca
Que vocifera ou zomba,
Que mente ou que blasfema,
Estertorosa ou rouca,
Deixa, entanto, cantar a agua que tomba
Da rocha, e a asa das aves desalgema
Para que, livres, soltem seu gorgoio.
De flores olorosas
Traz sempre ornado o seio
Dentro do qual palpita,
Em ânsias generosas,
Um coração magnânimo, em que habita
A cândida alegria,
A plácida bondade.

Entre os bons gênios que ela acolhe nesta
Mansão florente ao claro sol de Junho,
Encontra-se a Poesia,
A coroa na frente, a lira em punho,
Uma estrofe a colher em cada fresta
De sol, em cada ramo verde, em cada
Flor silvestre que ri da densa alfombra,
Na longe serra azul com lares brancos,
Nos fundos vales, onde tece a sombra
A tênue gaze fria
Para vestir a Névoa imaculada
Que de manhã se ajoelha nos barrancos,
Em sua prece ao dia.

Amor, Silêncio, Paz, Felicidade,
Pãs, Sifos, Ninfas, Náiades, Camenas,
E mil divinos seres
Vagueiam nos domínios da deidade,
Estes tangendo cálamos e avenas,
Aqueles a cantar . . . Mas para os veres,
Para os ouvires, nesta idade ingrata,
Que te faz surdo e cego,
Urbanita tristonho,
É mister que o condão do gênio grego
Te revele a alma rústica da mata
Com seus mistérios de Beleza e Sonho.

É mister que, liberto
Do vil cuidado que o viver te afeia,
Possas povoar de imagens o deserto,
E ler na clara areia,
Como num livro aberto,
Os hinos que as Oréades em bando,
Ao som de harpas e crótalos, na estrada
Soem traçar, bailando.
É preciso que rendas
Um culto à Natureza
Pelas gentes ignaras desprezada,

E, para amares, é mister que a entendas
Em sua augusta e salutar beleza.
Deves sorrir quando sorri a aurora,
Vibrar com a luz, e, quando o sol se abisma,
E a sombra vem caindo, e a rola chora,
Embriagar-te de cisma.

Se de vilão não tens uma alma estulta
E um coração de rocha,
Para, reflete e exulta
Contemplando um botão que desabrocha
E ouvindo o sabiá, que no balseado
Canta as lendas da mata,
Como um sagrado aêdo.
De um palácio a pomposa colunata,
Crê, não vale uma aléia de palmeiras,
Por que a palmeira é uma coluna viva,
Que vibra, canta e geme
Entre os liames sensuais das trepadeiras,
Como um corpo que freme
À carícia lasciva
Dos braços de um amante.

Oh! mísero habitante
Dos presídios sociais, que por menagem
Apenas tens a rua
E as árvores das praças por paisagem:
Mesquinha é a vida tua
De ser artificial, que não te integras
Na gênese do bosque nem da leiva,
Que com as flores do campo não te alegras,
Que não sentes a seiva
Da terra-mater te pulsar no sangue.
Teu pobre corpo é como
Essa planta de vaso chocha e exangue
Que te enfeita a janela e não dá pomo,
O pomo da alegria e da coragem.

Ai de ti! Ânasia inutil
 É pretender que veja a natureza
 A gente enferma e futil
 Que jamais olhos tem para a beleza
 Da rústica paragem.

Aquí me apraz viver; na solidude,
 Onde mora a poesia e reina a calma,
 Me anima a sinergia da saude,
 Vigor dos nervos e sossego da alma.

Sinto que à luz desta paisagem rude,
 Que a torva estrige da tristeza ensalma,
 A vida é como as aguas deste açude,
 À cuja beira ondeia a verde palma.

Das ruas o fremente borborinho
 Aquí não chega; os rábidos clamores
 Da multidão se extinguem no caminho...

E o coração vai, como os beija-flores
 No cálice da flor bebendo o vinho,
 O nectar que dilue todas as dores.

Alipio partira deixando-lhe a confiança de ser amada com uma paixão ardente e cubiçosa: ambos tremiam á despedida: elle de desejo exasperado pela separação; ella do temor pudico de se sentir desejada assim. Aquella mão calida e premente em que a sua, fria e oppressa, se demorara por instantes infinitos, déra-lhe uma sensação de força dominadora, exigente e empolgante, como a de uma garra que a cingisse toda, arrastando-a, subjugando-a, marcando-a com o estigma de uma posse antecipada. Esse contacto revelara-lhe o homem, fizéra-a perceber o animal entreadivinhado e temido nas scismas em que máu grado se transviava, corando de si mesma.

.

O dia da partida do noivo fôra o seu Pentecostes:

a lingua de chamma penetrara o seu corpo e o transformara numa lampada de amor, que só se arrefeceria com o frio da velhice ou da morte. E o clarão interior queimava-a em noites de insomnia e se lhe coava denunciador, inilludível, através das faces esbraçadas e dos olhos chispantes, a despeito da sombra de tristeza que lhe cahia da fronte meditativa. Ella era a leira arroteada, tépida e humida, successivamente aquecida do sol da esperança e rorejada das lagrimas condensadas no cerebro, como vapores que subissem da effervescencia do sangue. Seu coração batia numa cadencia nova, marcando o rythmo do poema da adolescencia; seu organismo vibrava como uma planta em flor agitada pelo remoinho caricioso e alegre das brisas primaveris; e cada gesto seu como que produzia no ar o farfalhar sedoso de jovens plumagens desfraldadas no surto afoito dos primeiros vôos.

Mas em redor della a natureza agonizava nos paroxysmos dos fins das aguas. As gitiranas (1) já não agitavam as suas campanulas de azul-lilá dentre as ramas que subiam em volutas pelas columnas da varanda, e as balsaminas, como no mez da Virgem, já não abriam suas boquinhinhas frescas e perfumosas em sorrisos de garridice angelica. As graúnas ainda cantavam á tarde no immenso tamarindeiro que ali bem perto subia para o céo ermo e profundo; mas a copa da grande arvore se deplumava no alto, pondo a nú a galharia intrincada e miudinha, na qual aquellas aves se destacavam, muito negras e muito pequenas, a entoarem a nénia da estação morta. Esgarçara-se a bruma levissima que attenuava a crueza da luz; as serras visinhas, tocadas da claridade moribunda do sol, accusavam, nas saliencias dos seus contrafortes, as minimas particularidades das rochas, dos caminhos, das culturas, das vivendas lampejantes, e ao alto estampava, num fundo cinzento, a linha dos cimos arripiados de frondes e espetados de longe em longe pela haste fina e direita de uma palmeira em resalto. Um tom neu-

(1) No original está *gitisanas*.

tro e soturno dominava o oriente, enquanto o poente, todo em fogo, corroia os contornos caprichosos dos formidáveis torredões de nuvens, por cujas setteiras se derramava a luz como jorros de metal em fusão.

.

Florzinha seguia com o pensamento o itinerario do noivo, desde esse aperto de mão em que havia a vehemencia de um abraço tacitamente negado. Inconscientemente punha-se a represental-o, formoso e distincto, com o seu sorriso triste e cheio de promessas affectuosas. "A professora está de viagem", disséra uma pessoa na roda; ella notou então a coincidencia dessas duas partidas para a mesma terra e quasi ao mesmo tempo. Seu coração deu de encontro ao peito o rebate de uma súbita desconfiança. Embora lhe chegasse muito attenuadas aos ouvidos as historias da intimidade de Alipio com Bilinha, a sua qualidade commum de pracianos, a recordação da festa do Xico Herculano levava-a a considerar sobre a semelhança de educação dos dois forasteiros, com a sua desenvoltura graciosa do gesto e da palavra; e, por occasião da famosa valsa, lembrava-se de ter ouvido alguém murmurar com desvanecimento: "Que lindo par! Devia sahir daqui para a igreja!" Sentira-se humilhada então na sua inferioridade de mocinha matuta e invejava intimamente os dotes da praciana, que antes lhe parecêra frivola e pedante. Preso embora cada um por um compromisso differente, iam os dois encontrar-se agora na Capital, e . . . O proseguimento de suas cogitações era arduo e confuso para o seu pensamento timorato, receioso sempre de aprofundar certas situações, de cujo limiar sua consciencia a fazia voltar com um austero gesto de censura. Procurou pensar noutra coisa, tomou parte na conversa, rezou á noite até fatigar-se e adormeceu rezando, mas o pensamento impertinente lhe voltava a miúdo como uma mosca ideal que lhe pousasse successivamente no cerebro e no coração.

Florzinha não se podia illudir mais: a pungitiva sensação que experimentava de quando em quando, como uma

neuralgia moral, era o ciúme. Já o sofrêra bem mais dolorosamente quando despira o coração desse affecto, em cujo brando agasalho elle se formara para o amor, como para voar se forma a larva no casulo. Amara um fraco que não ousara disputal-a á prepotencia paterna, que lhe fugira ao primeiro aceno de outra mulher, e, entretanto, o seu orgulho não teve forças para annullar a dôr dessa decepção. De novo soffria agora por um homem (2) que começava a amar justamente quando o deixara de ver. "Não gosto de noivos que viajam", dissêra a mãe, repetindo um logar commum sagrado pela experiencia de muitas gerações. A principio lhe era indifferente e até preferivel que elle não voltasse; mas agora o seu amor proprio, a sua carne desejavam o contrario. E a outra ia talvez arrebatá-lh'o, e ella seria a eterna creança espoliada, ludibriada, condemnada ao abandono e á chacota daquela sociedade odiosa e cruel . . .

E os dias passavam eguaes, monotonos, intoleraveis, como gottas d'agua a cahirem regularmente no mesmo ponto de sua cabeça enfebreçada. O viço do seu corpo esmaecia como a seiva das plantas devoradas lentamente pela febre do verão. A natureza trocara o manto verde da esperanza pelo burel amarello do desespero, e esse logo se desfazia em farrapos, que o vento espalhava em revoadaş funebres pelo solo estorricado. Veio afinal uma carta do noivo falando de sua chegada, de suas esperanças, do seu regresso. E novos e longos dias de silencio negro se succederam. Seus paes, já inquietos, não se atreviam a distrahil-a de sua tristeza. Marianna transmittia-lhe os commentarioş apiedados ou zombeteiros dos estranhos. A convicção do seu abandono apossava-se della como a desgraçada certeza de um mal incuravel, e o seu semblante foi tomando essa expressão de torva melancolia peculiar aos condemnados sem remedio.

Veio depois outra carta de Alipio, breve e desanimada: não achava collocação conveniente na Fortaleza: e era indispensavel uma viagem ao Rio de Janeiro. O padre es-

(2) No original está *nomem*.

crevêra também, comunicando a sua nomeação para a Capital; só viria a Ipuçaba para fazer o casamento de Florzinha. Estas cartas foram trazidas por um parente do padre, cuja bagagem viêra buscar.

Um dia, grande numero de pessoas de Ipuçaba seguiram para a Varjota afim de assistir á festa do duplo casamento da filha e do filho do capitão Galdino. Da casa de Asclepiades apenas este lá foi. Luizinha escrevêra á prima, participando o seu proximo enlace e lamentando que á sua felicidade "faltasse a presença da querida priminha, a quem havia de querer sempre e cuja felicidade pedia todos os dias a Nossa Senhora dos Remedios."

A flora succumbira de todo aos golpes da canicula. No céu, ermo e flammejante, apenas se divisavam ao cahir das tardes as nuvens preságuas das pombas mensageiras da secca. Ao longo dos caminhos que traziam á cidade, raras folhas verdes davam um signal de vida da terra, succumbida á hypnose (3) do sol. O rio já não corria sob a grande ponte vermelha, e mostrava o acolchoado dos seus bancos de areia grossa cravejada de malacachetas fulgurantes. Bocas invisiveis e insaciaveis haviam sugado a lymphá azul das lagôas transformadas em extensões concavas de argila gretada e cinzenta. Sómente a floração do céu ganhara em abundancia e esplendor. Noites fantasticamente estrelladas se arqueavam sobre o sertão, que offegava como uma alimaria tombada de estafamento. O céu negro e coruscante de sóes a pezar sobre tudo, como a abobada de uma gruta povoada de pyrilampos, era cortado de quando em quando pelo espasmo rútilo dos bolides. O aracaty, bafo nocturno da terra febricitante, vinha agitar as cinzas mortuarias da vegetação numa sarabanda macabra, e ullulavam pelos telhados as psalmodias do grande aniquilamento . . .

Florzinha continuava a esperar, porque continuava a viver. Na sua frente se crestavam pouco a pouco as louçanias da mocidade, e essas não voltariam com o verdor e as flores da futura estação. Seu corpo era ainda a lampada que se accendêra para o Pentecostes do amor; mas a chama interior doidejava batida por um sopro que tentava ex-

(3) No original está *hypnose*.

tinguil-a, deixando ás vezes na sombra do desespero seus olhos, que já não choravam. Exaurira-se-lhe o lacrimal, como as fontes dos campos: reinava tambem o verão em sua alma, esterilizando-a para as florações do sonho. Seu coração se reseccara como esses torrões agrestes onde só medram os cardos, que não precisam de orvalho para medrar e ferir.

Elles medravam e feriam já, e á sua picada contra-hia-se-lhe o semblante, formando sulcos ephemeros, mas sempre os mesmos, como para esboçar de antemão as enge-lhas perpetuas da velhice. Si elle não viesse mais, entraria uma nova victima para o martirologio branco das invioladas, das tristes flores humanas a que nunca chegou um raio fecundante de sol... Ella se afundaria no pêgo do abandono com sua alma viuva, repleta de affectos incomprehendidos, e, como uma náu carregada de thesouros, desceria ao fundo do oceano, singrado de corações aventureiros, sem poder, com sua opulencia inutil, matar-lhes a sêde de felicidade. O coração das virgens morre sem testamento, porque morrem com elle todos os seus dons e graças.

Os dias passavam longos, mortalmente longos, no abra-zamento daquelle céo sem nuvens e daquelle terra sem fo-lhas, trazendo-lhe alternativas de vagas esperanças e de desalentos cada vez mais profundos. Seu corpo joven arque-
java ás vezes como um anho branco que se sente levar para a morte, sem um balido de protesto ou de magua. Ella tremia pensando no dia, proximo talvez, quem sabe? em que havia de acordar sem esperança, sem essa esperan-ça que ainda vivia nella, não como uma florescia espon-tanea e consoladora d'alma, mas como uma parasita da sua carne, a exaurir-lhe a seiva, cada dia mais vorazmente, até matal-a e morrer. O noivo e a amante tinham-se ido em busca de climas mais amenos e propicios, fugindo de plaga em plaga, como aves de arribação, que vôam livremente para onde as attrahem as louçanias da primavera. E ella ficara ali, no fundo daquelle triste lar povoado dos espec-tros dos seus sonhos, para ser um dia conduzida, mutilada d'alma, inutil para a vida, á cella fria de um claustro como uma invalida do amor . . . (4)

(4) "Aves de Arribação", 2.^a ed., Companhia Editora Na-cional, S.-Paulo, 1929; pág. 322, 324-31.